

RESSACA CÍVICA

Quem brigou pelos cinco anos, fez a festa no Florentino, ao lado de Magalhães, Costa Couto e Newton Cardoso. No Piantella, com Covas, só desolação.

Missão cumprida, dois dos principais articuladores dos cinco anos para o presidente Sarney aproveitaram a noite fresca de quinta-feira, em Brasília, para uma esticada de comemoração. Sentados em mesas diferentes, no restaurante Florentino, os ministros Antônio Carlos Magalhães e Ronaldo Costa Couto desfrutavam o sabor da vitória.

Na mesa de Couto, formando o "lobby do queijo", o governador Newton Cardoso engrossava o coro dos vitoriosos, citando frases em francês, sorria longos goles de uísque importado, sorria abertamente e não escondia a satisfação: afinal, a grande parte da bancada mineira do PMDB votou a favor dos cinco anos.

Habitual ponto de encontro dos frequentadores do Planalto, o Florentino transformou-se, mais uma vez, em lugar obrigatório para quem queria ver ou ser visto na noite da vitória. O único parlamentar des-

toante no ambiente cincoanista era o deputado paulista João Cunha, agora no PDT, acompanhado de amigos do partido. Cunha "namorou" os cinco anos, mas acabou votando pelos quatro. "Estou aqui só para jantar", disse ele no Florentino, onde dividia um banco conjugado com o ministro das Comunicações.

A essa altura, certamente, Antônio Carlos já sabia qual tinha sido o voto de Cunha. Não tanto pela proximidade Física, mas porque exibia nas mãos uma reveladora lista da votação na Constituinte. Com uma Bic azul, sublinhava os nomes dos que votaram pelos cinco anos, fazendo um balão em torno do sim. **Dividindo a mesa com Antônio Carlos, os deputados do PFL Ricardo Fiúza, Benito Gama e Luiz Eduardo Magalhães, seu filho, acompanhavam atentamente o exame da lista.**

"O presidente está felicíssimo. Daqui para frente é trabalhar", afir-

magalhães: conferindo a lista.

Mineiros indiscretos

Destoando da tradicional descrição mineira, o "lobby do queijo" falava em voz alta e ria, acompanhado de generosas doses de uísque. Completando o grupo, o porta-voz do Planalto, Carlos Henrique, um baiano. Lado a lado, Costa Couto e Newton Cardoso combatiam a idéia separatista que anda tirando a habitual tranquilidade dos mineiros.

A noitada não foi nada alegre no Piantella, o restaurante habitual de Mário Covas, um dos grandes derrotados da noite. Mais modesto, o Piantella amargou uma noite sem comemorações, assim como os quatroanistas — aqueles que preferiram não ser vistos.

O voto que dividiu todos. Até parentes.

O voto a favor ou contra mandato de cinco anos para Sarney na Constituinte dividiu marido e mulher, pai e filho, tio e sobrinho e arranjou a autoridade de alguns governadores. Os que preferiam eleições presidenciais em 89 alegaram que votaram com a consciência. Os que resistiram às pressões políticas e familiares tinham a mesma justificativa — a consciência.

O problema mais comentado foi o casal Camata, do PMDB do Espírito Santo. O senador Gérson votou pelo mandato de cinco anos e queria que sua mulher, Rita, o acompanhasse. Pouco antes de acionar o botão na votação eletrônica o senador perguntou à sua mulher: "Tudo certo, meu bem?", abrindo a mão direita para renovar o pedido pelos cinco anos. Rita Camata sacudiu a cabeça e mostrou quatro dedos. O senador fez cara de zangado e a deputada começou a chorar. Mas confirmou o voto contra os cinco anos, retirando-se do plenário.

A deputada Miriam Portella (PDS-PI) estava inconformada com notícias de alguns jornais, de que seu casamento com o ex-governador e atual vice do Piauí, Lucídio Portella, estava ameaçado pelo seu voto contra os cinco anos: "O meu marido foi quem menos pediu ou pressionou. Ele me conhece e sabe que votaria politicamente. Essa história de casamento ameaçado deve ser com outra deputada, não comigo".

O governador do Piauí, Alberto Silva (PMDB), não cumpriu sua promessa ao presidente Sarney, de garantir os votos de todos os constituintes do Estado pelos cinco anos. Seu próprio filho, deputado Paulo Silva, votou contra, além de Miriam Portella e do presidente do diretório regional do PMDB, senador Chagas Rodrigues.

Para evitar as pressões dos cincoanistas, Paulo Silva — liderado de

Mário Covas — colocou no bolso uma falsa declaração de voto a favor dos cinco anos. Quando lhe pediam para votar a emenda dos cinco anos, ele concordava e mostrava a declaração de voto. Mas votou contra, contrariando o pai governador. Reação do deputado cincoanista Heráclito Fortes, também do Piauí, dos mais ligados a Ulysses Guimarães: "Acabou a farsa de governadores que venderam a Sarney o que não tinham: liderança".

Da Bahia, o senador Luiz Viana Filho votou contra, mas seu filho, deputado Luiz Viana Neto, votou com o governo — cinco anos. Do Rio Grande do Norte, o casal Maia (PDS) votou unido, contra os cinco anos: senador, Lavoisier e deputada Wilma.

A mulher do ex-governador da Paraíba, Wilson Braga, deputada Lúcia Braga (PFL), votou contra os cinco anos. Outro casal unido politicamente foi o de Goiás, senador Irapuan Costa Júnior e deputada Lúcia Vania (ambos do PMDB), a favor dos cinco anos. Os irmãos Baccelar (BA) — senador Rui e deputado João Carlos, votaram contra.

O senador Albano Franco e seu irmão, deputado Antônio Carlos Franco (PMDB-SE), votaram a favor dos cinco anos. Também votaram pelos cinco anos o senador Mauro Benedites e seu filho, Carlos Benedites (PMDB-CE). O deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ), sobrinho de Tancredo Neves, votou contra, mas o deputado Aécio Neves Cunha (PMDB-MG), neto do ex-presidente, votou a favor dos cinco anos.

O deputado José Carlos Vasconcelos, cunhado do ex-ministro Marcos Freire, votou pelos cinco anos, e seu sobrinho, deputado Luiz Freire, filho do falecido ministro, votou contra. Duas filhas de ex-presidentes votaram diferente: Dirce Maria Tutu Quadros votou contra e Márcia Ku-

bitschek votou a favor dos cinco anos.

Outro registro da votação de quinta-feira: todos os ex-ministros de Sarney, menos um, votaram contra o mandato de cinco anos: Fernando Lyra (Justiça), Afonso Camargo (Transportes), Joaquim Francisco (Interior), Francisco Dornelles (Fazenda), Jorge Bornhausen (Educação), Marco Maciel (Educação e Casa Civil). A favor, só o ex-ministro da Saúde, deputado Carlos Sant'Anna, líder do governo.

Os "moderados" do PFL, que baterão chapa na convenção nacional contra os governistas, deram a amostra de que estão dispostos a continuar fazendo oposição ao presidente Sarney. Votaram contra os cinco anos. Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Lúcio Alcântara, Joaquim Francisco, Saulo Queiroz, Jayme Santana, Carlos Chiarelli, Alcení Guerra, Mendes Thame, Jalles Fontoura, Maria de Lourdes Abadia, José Agripino Maia, Lúcia Braga, Rachel Cândido (que deixou o partido). A exceção foi o senador alagoano Guilherme Palmeira, mas seu irmão, deputado Wladimir Palmeira (PT-RJ), votou contra.

O deputado Jofran Frejat (DF) não faz parte da dissidência do PFL, mas votou contra os cinco anos. Explicação: se houvesse eleições presidenciais neste ano, Brasília ficaria livre mais cedo do governador José Aparecido.

Sobre a atuação dos governadores no episódio, um atuante assessor palaciano observou: há os que têm votos, como Newton Cardoso, Orestes Quêrcia, Epitácio Cafeteira, Álvaro Dias, Henrique Santillo, Tarcsio Burity, e há os que torcem, como Fernando César Mesquita. E os que só atrapalham, como Alberto Silva e Amazonino Mendes.

Flamarion Mossri

Ulysses quer votação na segunda. Conseguirá?

tiu ontem que só deverá haver votação na terça-feira, dia 14, quando o presidente Sarney já estará no Brasil. Como o deputado Adroaldo Streck (PDT-RS) — um dos primeiros a embarcar na quinta-feira à noite depois da votação do mandato — muitos parlamentares acreditam que na próxima semana não se terá quórum para a votação.

A maioria dos quatroanistas, como Adroaldo Streck, José Serra (PMDB-SP) e Francisco Dornelles (PFL-RJ), procurou embarcar para seus Estados logo após a votação, mas os membros do Centrão — Roberto Cardoso Alves e seu grupo — só saíram de Brasília ontem depois de cumprimentar o presidente Sarney no Palácio da Alvorada e comemorarem na casa do deputado Ezio Ferreira (PFL-AM) a vitória dos cinco anos. Estes, ao embarcar, diziam

sempre a mesma coisa: "Depois da vitória, é hora de descansar em casa".

Mesmo assumindo a presidência da República no domingo, o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, disse ontem que as sessões em plenário ocorrerão normalmente, já tendo sido inclusive marcada sessão para segunda-feira, às 14h30. Ulysses garantiu que continuará participando da Constituinte no período em que o presidente Sarney estiver viajando. "Estarei presente para que façamos reuniões que possibilitem acordos prévios às votações das Disposições Transitórias", disse ele.

Segundo Ulysses, há dispositivos nas Disposições Transitórias que devem ser suprimidos, mas não quis identificar quais deles. "Há disposições muito ruins e que não devem ser aprovadas", afirmou. Na ausência de Ulysses, presidem a sessão o senador Mauro Borges, vice-presidente da Constituinte, ou o deputado Jorge Arbage, o 2º vice. O presidente da Constituinte disse não temer o esvaziamento do plenário depois de votado o mandato do presidente Sarney.

Esta semana, a debandada geral dos constituintes começou na quinta-feira à noite, quando os parlamentares derrotados na votação do mandato do presidente Sarney começaram a sair de Brasília. Na manhã de ontem, enquanto o senador Mauro Maia (PDT-AC) presidia a sessão da Constituinte, o aeroporto de Brasília foi tomado por um grupo de deputados e senadores, que após comemorarem a vitória dos cinco anos, embarcavam para os seus Estados. No plenário estavam presentes pouco mais de 40 constituintes.

Um fato pouco comum observado ontem no aeroporto é que a maioria dos parlamentares, que normalmente voltam para Brasília na segunda-feira, não sabia nem mesmo quando vão retornar dos seus Estados. É que na próxima semana, enquanto o presidente Sarney estiver em Nova York, participando da Assembleia Especial da ONU, sobre desarmamento, o deputado Ulysses Guimarães estará exercendo interinamente a Presidência da República.

O próprio relator da Constituinte, deputado Bernardo Cabral, admi-